

Advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais: *uma comparação a partir da noção de flutuação categorial*¹

Adverbs in -mente and adjectives: a comparison based on the notion of categorial fluctuation

Emanuela Monteiro GONDIM

Universidade Federal do Ceará
emanuelagondim@gmail.com



Resumo: A flutuação categorial entre adjetivos e advérbios tem recebido a atenção de variados pesquisadores, tanto formalistas como funcionalistas. Discute-se, em especial, a alternância entre adjetivos empregados como advérbios e advérbios em *-mente*. O objetivo deste trabalho é avaliar as semelhanças e diferenças entre tais formas, buscando as motivações semântico-pragmáticas para o emprego de uma ou outra. Para isso, tomamos como corpus peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI e analisamos as ocorrências com base na linguística cognitivo-funcional. Os resultados apontaram um comportamento diferenciado das formas em *-mente* e adjetivos adverbiais na função de qualificador: aquelas decaem a frequência do século XIX ao XXI e estas apresentam uma frequência crescente. Tal dado pode indicar que os adjetivos adverbiais estejam assumindo, pelo menos na fala, a função qualificadora em lugar das formas em *-mente*, mais comuns em registros mais monitorados.

Palavras-chave: flutuação categorial; adjetivo; advérbio.

Abstract: The categorial fluctuation between adjectives and adverbs has received the attention of various researchers, both formalists and functionalists. In particular, the alternation between adjectives used as adverbs and adverbs in *-mente* has been discussed. The aim of this paper is to evaluate the similarities and differences between these forms, looking for the semantic-pragmatic reasons for using one or the other. To do this, we used plays from the 19th, 20th and 21st centuries as a corpus and analyzed

¹ Este trabalho constitui um recorte da pesquisa de doutorado da autora (cf Gondim, 2020).

the occurrences based on cognitive-functional linguistics. the results showed a different behavior of the forms -mente and adverbial adjectives in the function of qualifier: the former decrease in frequency from the 19th to the 21st century and the latter show an increasing frequency. this may indicate that adverbial adjectives are assuming, at least in speech, the qualifier function instead of the -mente forms, which are more common in more monitored registers.

Keywords: categorial fluctuation; adjective; adverb.

1 INTRODUÇÃO

A flutuação categorial é um fenômeno de interesse das diversas abordagens funcionalistas, visto que o que caracteriza tal paradigma é o exame da funcionalidade da linguagem pautado não em formulações abstratas, mas na análise dos usos concretos da língua, a partir dos quais fica evidente a imprecisão de limites entre as diversas categorias linguísticas. Neves (2012) ressalta que a visão da gramaticalização explicita a naturalidade do processo de fluidez categorial, fenômeno essencial para o entendimento da mudança linguística.

Entre as categorias cujos limites são imprecisos, destaca-se as classes de advérbios e adjetivos. A complexidade da classe adverbial já foi tratada por diversos estudos (Pottier, 1968; Bomfim, 1988, Ilari, 1991; Castilho E Castilho, 1993; Neves, 2011; Lima, 2010). Prova dessa complexidade são as incongruências já observadas por diversos linguistas quanto à definição de tal classe. Para Bomfim (1988), por exemplo, apesar de essa classe ser definida de forma aparentemente uniforme pelas gramáticas modernas, há, nessas obras, referência à grande variação dos elementos que integram essa classe de palavras. Pottier (1968, p. 53) afirma que “parece que incluíram nas gramáticas, sob a rubrica ‘advérbios’, todas as palavras com as quais não se sabia o que fazer”. Mais recentemente, Neves (2011), Castilho (1991), Hummel (2002a, 2002b, 2012, 2013) apontam, como veremos ao longo desse trabalho, diversas inconsistências na abordagem tradicional desta classe.

Na verdade, desde os gramáticos clássicos até os modernos, a definição de advérbio parece ter sofrido poucas alterações. Os gramáticos latinos, em geral, definiam o advérbio como uma palavra invariável que, acrescida ao verbo, ampliava seu significado. Os gramáticos atuais, praticamente, se diferenciam apenas por já considerar a relação do advérbio com outros elementos da oração, como o adjetivo, outro advérbio ou ainda uma oração inteira (Cunha, Cintra, 1985; Rocha Lima, 1997; Almeida, 1983).

Não menos intrigante é a classe dos adjetivos. Estes, como veremos adiante, já foram incluídos junto aos verbos, aos substantivos e assimilados à classe dos advérbios. Desde Dionísio, no entanto, os adjetivos são geralmente definidos como qualificativos de substantivos que, como tais, variam conforme o gênero e número dos nomes aos quais se referem. Algumas características parecem, *a priori*, diferenciar muito claramente adjetivos e advérbios, embora ambas as classes possam exercer a função geral de modificadores. Uma das principais distinções geralmente mencionadas por gramáticos e linguistas é (Macambira, 1978; Sacconi, 1990; Bueno, 2014) que, diferentemente de advérbios, os adjetivos geralmente variam, concordando com o substantivo que modificam.

Entretanto, em alguns contextos, a distinção entre adjetivos e advérbios não é tão clara. Alguns estudiosos já investigaram a indeterminação de fronteira entre tais classes (Hummel, 2002a, 2002b, 2013; Basílio, 2002, Barbosa, 2006; Zambi, 2010, Campos, 2019). Aos gramáticos, essa indeterminação também não passa despercebida, Cunha e Cintra (1985, p. 257-258) reconhecem um valor fronteiro entre adjetivos em predicados verbo-nominais² e advérbios, o que explicaria, segundo eles, o fenômeno da adverbialização de adjetivos sem acréscimo do *-mente*. Os gramáticos ressaltam, ainda, que há, em renomados autores, exemplos de adjetivos adverbiais que concordam com o sujeito da oração, o que se justifica, segundo eles pela “ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio”.

Perini (1989), ao discutir a concepção de classe, mostra que alguns vocábulos tradicionalmente classificados como adjetivos podem exercer, em determinados contextos, a função de advérbio, mas outros não. Como exemplo de tal fenômeno o autor cita:

(01) Aauto fala **alto**

(02) Aauto fala **bom***

Apesar de tanto *alto*, como *bom* serem classificados como adjetivos, apenas o primeiro tem a capacidade de funcionar como advérbio. Em contextos como (02), não parece ser possível, no português atual, utilizar o adjetivo *bom* adverbializado nem formar um advérbio a partir de *boa*, como **boamente*. Em geral, usa-se nesse contexto o advérbio *bem*.

Tendo em vista tais singularidades tanto das formações em *-mente*, quanto de adjetivos que poderiam, aparentemente, lhes servir de correspondentes semânticos, pretendemos, neste artigo, à luz da teoria funcional, que concebe a língua como instrumento de interação social e tem como foco não as prescrições normativas, mas o uso concreto das formas linguísticas, investigar as (des)semelhanças entre adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente*. Para tanto, consideramos o fenômeno da flutuação categorial entre tais formas e observamos as motivações sintático-semântico-discursivas para o aumento ou queda de frequência de determinados advérbios ou adjetivos que assumem a função de advérbio.

² Cunha, Cintra (1985) consideram predicados verbo-nominais os que apresentam dois núcleos significativos: um verbo e um predicativo, reconhecendo, assim, que, o predicativo do sujeito não ocorre apenas vinculado a verbos de ligação (quando formam predicados nominais), mas também a verbos significativos.

Para tratar da flutuação categorial entre adjetivos e advérbios, é necessário discutirmos, ainda que brevemente, o fenômeno da categorização e dos processos de mudança linguística pelos quais passam diversos itens linguísticos. Desse modo, este artigo acha-se dividido em quatro seções. Na primeira, abordaremos o fenômeno de flutuação categorial e as classes de palavras; na segunda, trataremos, de modo mais específico, da questão das classes de palavras; e, na terceira, apresentaremos a metodologia e a análise dos dados; na quarta, por fim, faremos uma síntese conclusiva.

2 FLUTUAÇÃO CATEGORIAL E CLASSES DE PALAVRAS

Para tratar da flutuação categorial entre adjetivos e advérbios em *-mente*, é necessário discutirmos, ainda que brevemente, o fenômeno da categorização. Categorização é compreendida como o processo pelo qual agrupamos as entidades com as quais interagimos a partir das semelhanças e diferenças que percebemos entre elas. Lakoff (1987, p. 5) aponta tal processo como “ponto central para a compreensão de como nós pensamos, funcionamos e, conseqüentemente, um ponto central para a compreensão daquilo que nos faz humanos”.

Há basicamente duas formas de considerar como se dá esse processo. Na visão clássica, ou aristotélica, baseada na ideia de essência, as categorias são discretas e as condições que definem se um dado elemento pertence ou não a uma dada categoria são necessárias e suficientes. É esta a visão que predomina em nossas gramáticas, mesmo nas pós-NGB.

A ideia de um limite rígido entre as categorias suscitou vários questionamentos (Fillmore, 1975). Uma alternativa a esse modelo é a teoria dos protótipos, desenvolvida a partir de estudos empíricos, como os de Labov (1973) e Rosch (1973, 1978), que admite não haver limites rígidos entre as categorias. Dos anos 70 aos anos 90 e 2000, o modelo passou por mudanças em relação ao que se entende por protótipo: inicialmente tido como o melhor exemplar de uma categoria passou a ser entendido como uma imagem mental, uma série de propriedades típicas de uma dada categoria.

Assim, as categorias se organizam em torno desse esquema mental, e os exemplares, agrupados em função de sua maior ou menor proximidade do protótipo, podem ser mais ou menos prototípicos.

No que diz respeito à flutuação categorial entre adjetivos e advérbios, a teoria dos protótipos pode servir de base para a análise das formas adjetivas usadas em contexto de advérbio, uma vez que tais formas parecem pertencer a duas categorias distintas. Consoantes a Taylor (1992), adotamos a noção de categorização por protótipo, segundo a qual:

Categorias gramaticais têm uma estrutura prototípica com membros centrais compartilhando uma variedade de atributos sintáticos e semânticos. A falha de um item em exibir algum desses atributos não exclui por si só a associação [a uma dada categoria] (Taylor, 1992, p.196)³.

Desse modo, os membros centrais da categoria adjetiva compartilham os atributos de admitir gradação e de modificar um nome com ou sem cópula. Já os membros centrais da categoria advérbio são os que funcionam como qualificador, determinando o predicado.

2.1 Adjetivos, advérbios e adjetivos adverbiais

Como já adiantamos, adjetivos e advérbios são excelentes exemplos da dificuldade de distinguir os vocábulos em categorias. As dificuldades relativas à definição dos advérbios são inúmeras. Além das críticas já mencionadas em Pottier (1968) e Bomfim (1988), entre outros, no que concerne à grande diversidade de elementos que integram tal classe de palavras, Macambira (1978) também afirma que “o advérbio é indefinível semanticamente”. Conforme o autor, é preciso considerar essencialmente critérios mórficos e sintáticos para caracterizar determinado elemento como advérbio. Em relação a tais critérios, as gramáticas normativas geralmente apontam a invariabilidade e a capacidade de modificar verbos, adjetivos ou outros advérbios. Macambira (1978) chama a atenção para dois pontos: a) a falta de clareza das definições, que, ao afirmarem, por exemplo, que advérbio é aquilo que pode modificar outro advérbio, pressupõem um conhecimento prévio daquilo que se procura entender; e b) a necessidade de ampliar o escopo indicado, uma vez que, após a NGB, pronomes e numerais ganharam classe própria, independente da classe adjetiva. Segundo o autor, deveriam figurar entre os possíveis escopos dos advérbios verbos, adjetivos, pronomes, numerais, advérbios, excepcionalmente, alguns substantivos e a oração como um todo.

Camara Jr. (2007) trata de substantivos, adjetivos e advérbios como funções, uma subdivisão sintática das classes, estas definidas com base no critério morfossemântico. Para ele, os nomes, assim como os pronomes, apresentam três funções distintas na comunicação linguística: a de substantivo, a de adjetivo e a de advérbio. A primeira ocorre quando o nome funciona como termo determinado, ou seja, como o centro de uma

³ Tradução nossa de: Grammatical categories have a prototype structure, with central members sharing a range of both syntactic and semantic attributes. Failure of an item to exhibit some of these attributes does not of itself preclude membership.

expressão; as outras duas funções, quando o nome é determinante, ou seja, quando incide sobre um termo determinado. Se o termo determinado for um outro nome, o nome determinante funciona como adjetivo e, se for um verbo, o nome determinante atua como advérbio.

Partindo desta visão, sintaticamente, tanto adjetivos como advérbios podem ser tidos como níveis básicos da categoria superordenada dos modificadores, uma vez que ambos atuam na oposição entre determinados e determinantes, modificando o núcleo de um sintagma. Tal semelhança parece favorecer a flutuação categorial entre os elementos das duas classes, prova disso são as diversas ocorrências de adjetivos atuando como advérbios com as quais nos deparamos recorrentemente, ou ainda o uso de advérbios flexionados como adjetivos, em construções como *meia cansada*, frequente no falar não padronizado.

Trata-se do que Hummel (2002b) chama de adjetivos adverbiais, como no exemplo (03), slogan da cerveja Skol, e no (04), fala do personagem Deus polinésio do grupo humorístico Porta dos Fundos. O fenômeno é tão comum que surge até mesmo na escrita de gramáticos consagrados como no exemplo (05).

(03) Skol - a cerveja que desce *redondo*

(04) ...você escolheu o Deus... deixa eu ver aqui... Judite... *catholic*, errou... errou *feio*... errou *feio*, errou *rude*...⁴

(05) Salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não *raro*, modificando toda a oração (CUNHA; CINTRA, 1985, p.530)

Em (03), o adjetivo *redondo* é usado adverbialmente para modificar o verbo *descer*, prova disso, por exemplo, é sua não concordância com termos nominais. O adjetivo é usado no masculino singular, por isso claramente não determina o sintagma nominal *a cerveja*, incide, na verdade, sobre o verbo *descer*. Em (04), os adjetivos *feio* e *rude* funcionam como advérbios qualificativos modificando o verbo *errar*. Por fim, em (05), *raro* também é usado no masculino singular, expressando a ideia de frequência, similar ao uso do advérbio *raramente*.

Essa semelhança entre adjetivos usados adverbialmente e os advérbios em *-mente* poderia suscitar pesquisas de base variacionista. Todavia, nem sempre é possível a correspondência entre adjetivos

⁴ PORTA DOS FUNDOS. Deus. **Youtube**, 21 mar. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=t11JYaJcpxg>>. Acesso em: 06 nov. 17.

adverbiais e advérbios em *-mente*, como no exemplo (01), que retomamos em (06).

(06) a) Aauto fala alto

b) Aauto fala altamente*

Diferente do que ocorre em (15) e em (16), exemplos cujos adjetivos *redondo* e *raro* poderiam ser substituídos, respectivamente, pelos advérbios *redondamente* e *raramente*, em (18), não é possível a substituição pelo advérbio cognato em *-mente*. Dessa forma, tendo em vista os estudos de Barbosa (2006), que, ao investigar a gramaticalização de adjetivos adverbiais na fala carioca, chegou à conclusão de que a maioria dos adjetivos analisados não apresenta correspondência semântica com advérbios em *-mente*, investigamos tais formas, não como variantes linguísticas, mas como recursos distintos motivados por fatores semântico-pragmáticos.

Na literatura linguística, o fenômeno da flutuação entre adjetivos e advérbios tem despertado a atenção de pesquisadores, como Hummel (2002a, 2002b), que estuda os adjetivos adverbiais em diversas línguas românicas e observa que os adjetivos adverbiais são mais comuns no português do Brasil que no de Portugal, em registros informais. Já os advérbios em *-mente* são usados em registros mais elaborados. Basílio (2002) também reconhece a produtividade do processo, mas o considera um caso de conversão, ou seja, “mudança de classe adjetivo/advérbio sem alteração na forma fonológica” (Basílio, 2002, p.82), porque a forma empregada não admite concordância, como em “Maria fala gostoso”. Noutras palavras, enquanto as formas em *-mente* são advérbios formados por sufixação, as formas *raro*, *gostoso*, *alto*, usadas em contextos adverbiais são advérbios formados por conversão, a chamada derivação imprópria.

Neves (2011) reconhece o emprego de adjetivos como advérbios e observa que, diferentemente, dos advérbios em *-mente*, tendem a não predicar adjetivos e advérbios. Dividindo os adjetivos adverbiais em dois tipos: qualificadores e modalizadores, a autora observa que há uma tendência de corresponderem a advérbios em *-mente*, expressando modo.

Zambi (2010) que estudou oito itens: *certo*, *claro*, *correto*, *perfeito*, *lógico*, *exato*, *óbvio* e *positivo*, concluiu que, à exceção do item *positivo*, os demais tendem a admitir substituição pela forma em *-mente*. Ao final, a autora analisou três possibilidades:

- a) os adjetivos adverbiais não apresentam forma em *-mente* correspondente;
- b) apresentam um advérbio em *-mente* com significado diferente;

- c) apresentam advérbio em *-mente* correspondente ou uma locução adverbial de sentido similar.

Já Barbosa (2006) chegou à conclusão distinta da de Zambí (2010). Nos seus dados, a maioria das ocorrências não apresentava correspondência com advérbios em *-mente*, de sentido similar, como ilustra o exemplo da autora:

- (07) a) as portas não fecham direito.
b) as portas não fecham diretamente*.

Para a autora, os adjetivos usados invariavelmente modificando verbos passam por um processo produtivo de formação de advérbios a partir de adjetivos. Uma vez que caminham de uma classe mais lexical de adjetivos para uma mais gramatical de advérbios. Para nós, tais formas não são prototipicamente adjetivos nem advérbios, estão a meio caminho das duas classes. Portanto, o que propomos é o estudo diacrônico de adjetivos adverbiais em cotejo com advérbios em *-mente*, a fim de perceber, na comparação do comportamento de ambos, até que ponto adjetivos adverbiais concorrem com advérbios em *-mente*. Para tanto, apresentaremos, na próxima seção, a metodologia que seguimos na coleta e análise dos dados.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa classifica-se como descritivo-explicativa, uma vez que, não só cotejamos adjetivos e advérbios em *-mente*, mas também buscamos as motivações sintático-semântico-discursivas para identificar em que contextos adjetivos em *-mente* apresentam possibilidade de alternância com adjetivos adverbializados.

Para a constituição de nosso *corpus*, consideramos os estudos de Hummel (2002b), segundo os quais os adjetivos adverbiais tendem a ser mais recorrentes na modalidade oral, sobretudo em registros informais, selecionamos para nosso *corpus* peças teatrais brasileiras datadas dos séculos XIX, XX e XXI. A escolha do gênero peça teatral se justifica por ser o gênero que mais se aproxima da modalidade oral, já que não há possibilidade de registro documentado em tal modalidade no século XIX.

Selecionamos, assim, duas peças disponíveis no Corpus PHPB (projeto *Para História do Português Brasileiro*), cinco na Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDTeatro) e uma na Oficina de Teatro. Desse modo, os textos que selecionamos foram: quanto ao século XIX, *O noviço* (composto

de 14323 palavras), de Martins Pena, *O demônio familiar* (composto de 18000 palavras), de José de Alencar e *Sangue limpo* (composto de 17450 palavras), de Paulo Eiró; ao século XX, *Flor de Maio* (composto de 8763 palavras), de Jésu Miranda, *Perdoa-me por te traíres* (composto de 13673 palavras), de Nelson Rodrigues e *Direita volver* (composto de 19132 palavras), de Lauro César Muniz; por fim, quanto ao século XXI: *O mendigo e o magnata* (composto de 14076 palavras), de Rutinaldo Miranda, *Meu querido falecido*, ou *Como livrar-se de um corpo* (composto de 16980 palavras), e *O Brasil de cuecas* (composto de 14612 palavras), ambas de Aziz Bajur. A partir dessas obras, tomamos como *corpus* um recorte de 40.000 palavras de cada século, de forma que obtivemos um total de ocorrências encontradas em 120.000 palavras.

Após a coleta de todas as ocorrências de advérbio em *-mente* e adjetivos adverbializados, usamos o software SPSS (*Statistical Program for Social Science*) para realizar a análise a partir das variáveis apresentadas a seguir.

3.1 Função semântico-pragmática da construção

Este fator justifica-se para analisar quais funções adverbiais são exercidas pelas formas em *-mente* e pelas formas adjetivas e quais são exercidas por apenas uma destas formas. Consideramos, com base em Neves (2011), cinco funções semânticas dos advérbios em *-mente*:

- a) qualificadores
- b) intensificadores
- c) modalizadores
- d) circunstanciais
- e) focalizadores

3.2 Possibilidade de correspondência entre adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente*

Com base em pesquisas no *Corpus do Português* e em nosso conhecimento de falante nativo, avaliamos, nas ocorrências que encontramos tanto de adjetivos adverbiais como de advérbios em *-mente*, a possibilidade de substituição de um pelo outro. Tentaremos, assim, flagrar em que contextos tais advérbios competem e verificar se certos contextos favorecem a produção de adjetivos adverbiais pela impossibilidade de uso de um advérbio em *-mente*.

- a) possibilidade: quando houver correspondência entre as formas adjetiva e adverbial.
- b) impossibilidade: quando não houver correspondência entre as formas adjetiva e adverbial.
- c) ambiguidade: quando a substituição de um adjetivo por um advérbio provoca ambiguidade.

3.3 Modalidade

O gênero teatral é, geralmente, composto por diálogos entre os personagens e textos secundários que geralmente descrevem alguns elementos da narrativa, como o cenário, os personagens, e trazem orientações relativas aos movimentos, gestos e entoação de voz dos personagens. Embora os textos secundários considerados globalmente constituam um volume textual menor em relação aos diálogos entre os personagens, propomos esta variável a fim de verificar se alguns itens adverbiais figuram exclusivamente em uma das seguintes modalidades:

- a) fala: quando ocorrem nos diálogos.
- b) escrita: quando ocorrem nos textos secundários.

3.4 Período

Cada ocorrência foi categorizada quanto a um dos três períodos estudados: XIX, XX e XXI.

Após a categorização dos dados, segundo essas variáveis, analisamos as relações entre elas, a fim de estabelecer uma comparação entre o padrão de uso de advérbios em *-mente* e adjetivos adverbializados.

4 FLUIDEZ CATEGORIAL ENTRE ADVÉRBIOS EM *-MENTE* E ADJETIVOS ADVERBIAIS

Nesta seção, tratamos da fluidez categorial entre advérbios em *-mente* e adjetivos em função adverbial nos séculos XIX, XX e XXI, a fim de comparar o comportamento de ambas as formas e verificar as similaridades e diferenças e a possibilidade ou não de intercâmbio de uma forma por outra.

Nossa hipótese é a de que adjetivos adverbiais tendem, com o passar do tempo, a assumir funções semântico-pragmáticas mais variadas, assim como ocorreu com advérbios em *-mente*, que se originaram como

modificadores verbais latinos, mas atualmente exercem funções bastante variadas (GONDIM, 2014).

Vale notar que as formas em *-mente* atuam exclusivamente como advérbios, uma vez que são marcadas morfologicamente pelo afixo. Deste modo, este afixo assume comportamento de marcador funcional, no caso, a de adjunto adverbial. Já os adjetivos adverbiais parecem atuar prototipicamente como adjetivos, ou seja, figuram em função de adjunto adnominal e de predicativo. Não prototipicamente exercem também a função adverbial, de forma não marcada, o que caracteriza o fenômeno de flutuação, como já discutido. Nesse contexto, são considerados naturalmente ambíguos na literatura, pois admitem as interpretações de modificadores nominais ou verbais, ou de marcadores discursivos. Tendemos a não considerar tais ocorrências casos de ambiguidade, uma vez que o contexto não esclarece a leitura pertinente, mas, como propõe Foltran (2009), casos de vagueza semântica, pois as duas leituras possíveis caracterizam a forma como simplesmente não específica, o que é compatível com nossa hipótese de que adjetivos e advérbios são categorias superordenadas.

Em nossa análise, encontramos, nas peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI, 390 ocorrências de adverbiais de base nominal, sendo 314 constituídas por formas em *-mente* e 76, por formas adjetivas. Nas subseções a seguir, discutiremos os resultados gerais encontrados para todas as ocorrências.

Tabela 1 — Frequência quanto à modalidade

Classe		Registro		Total
		Fala	Escrita	
ADV	Nº	208	106	314
	%	81,6%	78,5%	80,5%
ADJADV	Nº	47	29	76
	%	18,4%	21,5%	19,5%
Total	Nº	255	135	390
	%	100%	100%	100%

Fonte: elaborada pela autora

Conforme Hummel (2002b, 2013), advérbios em *-mente* ocorrem mais frequentemente na escrita, por serem mais formais, enquanto as formas adjetivas em função adverbial são mais recorrentes na fala. Nossos dados mostram, no entanto, uma distribuição similar das formas nos dois registros: 66,2% e 61,8% de ocorrências de advérbios em *-mente* e adjetivos

adverbiais na fala, respectivamente, contra 33,8% e 38,2% na escrita, ou seja, as duas formas predominam na fala. Se olharmos do registro para a forma, encontramos predominância das formas em *-mente* nos dois registros: 81,6% (208) na fala e 78,5% (106) na escrita.

Cumpra observar, por fim, como já apontado, que nosso *corpus* não se constitui verdadeiramente de amostra de fala. É um texto escrito para ser falado. Esta característica o aproxima de dados de fala, mas não se situa no extremo da escala entre fala e escrita (cf. Marcuschi, 2008). Este fato e, especialmente, a brevidade das orientações na parte considerada propriamente escrita provavelmente explicam a disparidade dos nossos dados em relação à observação de Hummel (2002b).

4.2 A função

Quanto à variável função, do total de ocorrências (advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais), a mais frequente, com pouco mais da metade das ocorrências, 51%, foi a função de qualificador, e a menos frequente, a de ordenador, com apenas uma ocorrência e 0,2%. Os resultados estão na tabela 02 a seguir.

Tabela 2 — Frequência quanto à função

Função	Nº	%
Qualificador	199	51
Intensificador	33	8,5
Modalizador	83	21,3
Circunstanciador	39	10,0
Focalizador	35	9,0
Ordenador	1	0,2
Total	390	100

Fonte: elaborada pela autora

Entre os adjetivos adverbiais, lembremos que, na literatura (cf. Campos, 2019; Barbosa, 2006; Basílio, 2002; Hummel, 2013), predominam estudos que tomam por base os adjetivos adverbiais apenas em função de qualificador, considerados formas alternantes dos advérbios de modo. Essa predominância independe do período, como mostra a Tabela 3, em que as ocorrências com função de qualificador se distribuem de modo quase uniforme, com leve aumento no séc. XXI, provavelmente pela ampliação do emprego das formas adjetivas, o que veremos a seguir.

Tabela 3 — Frequência da função conforme o período

Função		Período			Total
		Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI	
Qualificador	Nº	60	69	0	99
	% de função	30,2%	34,7%	35,2%	100%
	% de período	51,7%	41,8%	64,2%	51%
Intensificador	Nº	14	17	2	33
	% de função	42,4%	51,5%	6,1%	100%
	% de período	12,1%	10,3%	1,8%	8,5%
Modalizador	Nº	24	38	21	83
	% de função	28,9%	45,8%	25,3%	100%
	% de período	20,7%	23%	19,3%	21,3%
Circunstanciador	Nº	6	24	9	39
	% de função	15,4%	61,5%	23,1%	100%
	% de período	5,2%	14,5%	8,3%	10%
Focalizador	Nº	12	16	7	35
	% de função	34,3%	45,7%	20%	100%
	% de período	10,3%	9,7%	6,4%	9%
Ordenador	Nº	0	1	0	1
	% de função	0%	100%	0%	100%
	% de período	0%	6%	0%	%
Total	Nº	116	165	109	390
	% de função	29,7%	42,3%	7,9%	100%
	% de período	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborada pela autora

A tabela mostra duas principais diferenças entre os períodos: no séc. XXI, há pouquíssimas ocorrências de advérbios em função de intensificador: 6,1% contra 42,4% no séc. XIX e 51,5% no séc. XX. As duas ocorrências de intensificador do séc. XXI estão nos exemplos (08) e (09) e figuram na parte escrita:

- (08) ELIZARDA - 80 ANOS - Avó de Isolina. **completamente** esclerosada. Desde a morte do marido vive presa no passado. Veste roupas antigas. Usa bengala. Quando entra traz uma pequena e velha mala. Tem várias manias. (BC – séc. XXI)
- (09) ROSÁLIA -(RÔ) - 40 a 45 ANOS. - Solteira. **extremamente** religiosa. Tanto é devota de Sta. Izildinha como do Exú Sete Estradas - mistura de religião católica e Afro num sincretismo religioso bem próprio do Brasil. (MQF – séc. XXI)

Outra diferença marcante nos dados aparece na função de circunstanciador, mais frequente no séc. XX e menos frequente nos outros dois séculos.

- (10) LILI – Minha saudosa mãe tinha muita cultura e contava-me várias e interessantes histórias sobre poetas. FLOR-DE-MAIO – Ela era formada? LILI – Perfeitamente. E fora nomeada professora naqueles bons tempos em que as normalistas pobre e feias conseguiam uma “cadeira!...” FLOR-DE-MAIO – E’ uma realidade! mais você não acha que já há sinal de que o mérito ocupará **novamente** o seu lugar de antanho? (FM – séc. XX)
- (11) THOMAS: Mas eu não sou mendigo. **Temporariamente**, por motivos de força maior, estou mendigo. (MM – séc. XXI)
- (12) SENADOR - Você já está cansada de me pajear... MARINA - Bobagem. SENADOR - Eu sei que você tá cansada... Não é fácil cuidar de mim... **ultimamente** você tem me evitado (DV – séc. XX)

Tanto a função de intensificador como de circunstanciador estão entre as funções em que todas as ocorrências foram de formas em *-mente*, o que nos leva a hipotetizar que a razão desta distribuição das funções em relação aos períodos se deve a paulatino desuso das formas em *-mente* e avanço das formas adjetivas.

Outro indício de tal hipótese é a frequência relativa à função de qualificador. Tal função foi mais recorrentemente exercida pelos advérbios em *-mente*, que figuraram em 67,8% (135/199) das 199 ocorrências de qualificadores nos três séculos analisados. Entretanto, ao comparamos o comportamento de advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais, em três períodos, flagramos um paulatino aumento dos adjetivos adverbiais nessa função, em oposição a uma relativa redução de frequência de advérbios em *-mente*, como ilustra a tabela 04.

Tabela 4 — Frequência de adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente* na função de qualificador

Forma		Período			Total
		Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI	
ADV	Nº	47	64	24	135
	% de função	34,8%	47,4%	17,8%	100%
	% de período	78,3%	92,8%	34,3%	67,8%
ADJADV	Nº	13	5	46	64
	% de função	20,3%	7,8%	71,9%	100%
	% de período	78,3%	92,8%	34,3%	67,8%
Total	Nº	60	69	70	199
	% de função	30,2%	34,7%	5,2%	100%
	% de período	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborada pela autora

Como se pode conferir na tabela 04, no século XXI, os adjetivos adverbiais ocorrem em 65,7% das ocorrências de qualificadores desse período. Tal resultado condiz com os achados de Gondim (2014), que tomou como corpus o português escrito dos séculos XIV, XVI e XX. Nessa pesquisa, observamos que, conforme as formas em *-mente* expandem suas funções, passam a atuar, em séculos mais recentes, cada vez menos frequentemente como qualificadores. Naturalmente, não podemos comparar *corpus* tão distintos, contudo o aumento da frequência de adjetivos adverbiais qualificadores no século XXI não deixa de sinalizar para uma possível ampliação de uso de adjetivos adverbiais em detrimento das formas em *-mente* na função de qualificador.

4.3 A alternância

A partir da análise das possibilidades de alternância entre advérbios em *-mente* e adjetivos adverbializados, pretendemos investigar o que motiva o uso preferencial de uma ou outra formação adverbial no português. Do total de itens adverbiais que encontramos, apenas 11 formaram pares correspondentes no *corpus*. Desses, 08 apresentaram correspondência tanto formal, quanto semântico-pragmática, ou seja, encontramos tanto a forma adverbial em *-mente* quanto a forma adjetiva neutra de mesma base, exercendo mesma função semântico-pragmática. Os outros 3 pares encontrados não exercem a mesma função. O quadro 02 resume os dados encontrados.

Quadro 1 — Pares alternantes AA/formas em *-mente*

Par	Função	
	ADJADV	FORMA EM <i>-MENTE</i>
Alto/altamente	Qualificador	Intensificador
Breve/brevemente	Circunstanciador	Circunstanciador
Direto/diretamente	Qualificador	Qualificador
Exato/exatamente	Modalizador	Modalizador
Firme/firmente	Qualificador	Qualificador
Forte/fortemente	Qualificador	Intensificador
Leve/levemente	Qualificador	Qualificador
Pronto/prontamente	Modalizador	Qualificador
Rápido/rapidamente	Qualificador	Qualificador
Sério/seriamente	Qualificador	Qualificador
Súbito/subitamente	Qualificador	Qualificador

Fonte: elaborado pela autora

De todos esses itens que figuram em pares, o único não dicionarizado no Houaiss (2009) como advérbio é o termo *exato*. Todos os demais aparecem registrados no dicionário como adjetivo e advérbio, o que indicia um uso já consagrado. *Exatamente* e *seriamente* exercem outras funções em que não formaram pares com as formas adjetivas correspondentes. *Exatamente* também figurou como qualificador e modalizador, como ilustram os exemplos a seguir.

(13) Qualificador: (TOM) Para esclarecer, vou contar ***exatamente*** como tudo aconteceu... e se eu mentir que a Ira Divina caia sobre a minha cabeça! JUJÚ - Vai firme, coroa! Mete bronca! (MQF – séc. XXI)

(14) Modalizador: ISOLINA- Dia 5! ADRIANO- ***Exatamente!*** Hoje tem! (BC – séc. XXI)

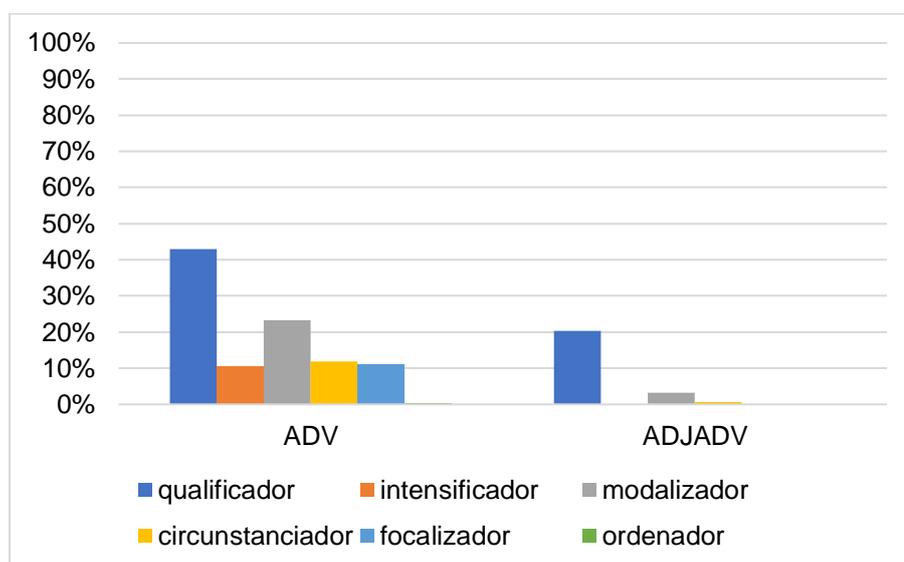
O termo *seriamente* aparece também como modalizador na ocorrência transcrita a seguir.

(15) AZEVEDO; Chacun son tour, Eduardo, nada mais justo. A Segunda conveniência, e a principal, é que, rico, independente, com alguma inteligência, quando basta para desperdiçar em uma conversa banal, resolvi entrar na carreira pública. EDUARDO: ***Seriamente?*** (DF – séc. XIX)

A julgar por esse resultado, parece-nos que determinadas bases tendem a formar mais frequentemente ou advérbios simples ou advérbios

derivados, ou seja, a possibilidade de alternância entre as formas simples e derivada não parece ser tão frequente na língua portuguesa. Tal fato parece ser motivado pela função semântica exercida por tais itens. As formas em *-mente* se mostraram bem mais frequentes, uma vez que esse tipo de formação originou 80,5% dos itens adverbiais que encontramos. Não coincidentemente, os itens em *-mente* também exerceram funções bem mais variadas que as formas simples, como se pode ver no gráfico a seguir.

Gráfico 1 — Funções de advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais



Fonte: elaborado pela autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de investigar as (des)semelhanças entre adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente*, analisamos 390 ocorrências de adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente* distribuídos nos séculos XIX, XX e XXI.

Os dados mostram uma maior predominância de advérbios em *-mente* que adjetivos adverbiais, o que pode indicar que estes se encontram em fases iniciais de gramaticalização.

Embora os adjetivos adverbiais sejam menos frequentes no corpus, em geral, afinal, foram encontrados apenas 76 ocorrências, ou seja, 19,5% do total, parecem estar assumindo paulatinamente a função dos advérbios em *-mente*, pelo menos na função qualificador, pois se observou um uso inversamente proporcional das duas formas ao longo dos séculos. As formas em *-mente* parecem estar cedendo espaço para os adjetivos adverbiais como qualificadores.

Esta hipótese merece estudo mais detido, com corpora de fala mais extenso, o que poderá ser feito noutra ocasião, mantidas as mesmas variáveis a fim de se comparar resultados. Ainda que não se tenha chegado a resultados categóricos na presente pesquisa, pela baixa produtividade do emprego de adjetivos adverbiais, os dados coletados mostram a complexidade do fenômeno e instigam novas pesquisas, para que o jogo da ciência, como na visão popperiana, continue, teoricamente, sem fim.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M.. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 32ª ed. São Paulo: Saraiva, 1983.
- BARBOSA, M. G. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos**. 2006. 104 f. Dissertação de mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva do português falado. In: ILARI, Rodolfo. (org.). **Gramática do português falado vol. II: níveis de análise lingüística**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.
- BOMFIM, E. Advérbios. São Paulo: Ática, 1988.
- BUENO, S. **Gramática de Silveira Bueno**. 20ª ed. São Paulo: Global, 2014.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CAMPOS, J. L. **Competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na rede construcional qualitativa do português brasileiro: uma análise centrada no uso**. 2019. 148p. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/Tese%20Julia%20Langer%20de%20Campos.pdf>. Acesso em: 31 out. 2019.
- CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. M. M.. Advérbios modalizadores. In: 10 ILARI, Rodolfo. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. v. 2.
- CASTILHO, C. M. M. **Os delimitadores no português falado no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FILLMORE, C.. An alternative to checklist theories of meaning. *In*: COGEN, C. THOMPSON, H. THURGOOD, G., WHISTLER, K. (eds.). **Proceedings of the Berkeley Linguistic Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975.

FOLTRAN, M. J. G. D.. Distribuição dos Advérbios Predicativos quando Usados como Predicados Adjuntos. *Revista Letras (Curitiba)*, v. 72, p. 233-249, 2009.

GONDIM, E. M. **A flutuação categorial entre advérbios e adjetivos com função adverbial**. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

GONDIM, E. M. **Os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em *-mente* no português dos séculos XIV, XVI e XX**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

GONDIM, E. M. **O sufixo *-mente* do latim ao português**. 2011. 68p. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Letras Português/Bacharelado, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.

HUMMEL, M.. Considerações sobre os Tipos *Ela Fala Esquisito* e *Ela Chega Cansada* no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. *In*: **Confluência**, revista do Instituto de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, 2002a.

HUMMEL, M. A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, **Actas do Sexto Congresso da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas** (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), 2002b. Disponível em: http://www.geocities.ws/ail_br/aconversaoadjectivoem.htm. Acesso em: 20 jul. 2018.

HUMMEL, M.. Sincronía y diacronía de los llamados adjetivos adverbializados y de los adverbios en *-mente*. **Anuario de Letras: Lingüística e Filología**. México, vol. I, 2, p. 215-282, 2013.

HUMMEL, M. **Polifuncionalidad, polisemia y estrategia retórica los signos discursivos com base atributiva entre oralidad y escritura: acerca de esp. *Bueno, claro, total, realmente, etc.*** Berlin/Boston: De Gruyter, 2012.

LABOV, W.. **The boundaries of words and their meanings**. *In*: Bailey and Shuy, 1973

LAKOFF, G.. **Women, fire, and dangerous thing**: what categories reveal about the mind. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.

LIMA, R. B. de. **Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro**. 2010. 143p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/549/1/Tese_RafaelBezerraDeLima_2010.pdf
> Acesso em: 29 jan. 2019.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

NEVES, M. H. M. A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2012.

PERINI, Mário A. **Sintaxe portuguesa: metodologia e funções**. São Paulo: Ática, 1989.

POTTIER, B. Problemas relativos a los advérbios em *-mente*. In: _____, **Linguística moderna e filologia hispánica**. Madrid: Gredos, 1968.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (eds.) **Cognition and categorization**. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MMOORE, T. (ed.) **Cognitive development and the Acquisition of Language**. New York: Academic Press, 1973.

TAYLOR, J. R.. **Linguistic categorization: prototypes in Linguistic Theory**. New York: Oxford University Press, 1992.

ZAMBI, G. F. M. **Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções X-mente no português do Brasil**. 2010. 79p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16786@1>. Acesso em: 27 mar. 2016.

GONDIM, EMANUELA MONTEIRO.
ADVÉRBIOS EM -MENTE E ADJETIVOS
ADVERBIAIS: UMA COMPARAÇÃO A PARTIR
DA NOÇÃO DE FLUTUAÇÃO CATEGORIAL.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, v. 14, n. 2,
E2809, p. 65-85, MAI.-AGO./2024. DOI:
10.22168/2237-6321-22809